

Roteiro episódio Estilo é Tradição - com BILIU de Campina - Visceral 2 - segunda temporada

1. Cenas amanhecer na zona rural sertaneja da Paraíba

2. Biliu de Campina, dentro da rádio, saúda os ouvintes da madrugada - 4 horas da manhã - e toca uma de suas músicas - ele conversa com os ouvintes

Olha o leite, meniino!
Bota a cangalha no jumento pra carregar água, rapaz!
Ei, menino! Cuidado na paiva!
Dona Evinha! Acorda padeiro véio,
que o homi tá dormindo demais! Né, véio?
São 5h36! A rapaziada acordando...
o pessoal da zona rural e também do setor urbano.

3. Entrevista Biliu de Campina em um estúdio

"Por que Biliu de Campina?" "Porque nasci em Nova York"
Eu nasci em Campina Grande, carrego adjetivo nosso.
É o amor telúrico, né?
Aí, eu tô muito bem, obrigado.
Tanto eu quanto a cidade... a recíproca é a mesma.
Campina é uma filha, né, e eu sou o pai!
E, às vezes, eu sou filho e ela é a mãe,
Campina Grande, e assim por diante!
Nunca tive dificuldade de me expressar,
de falar, de arrazoar, com relação às minhas origens.
Fui de uma infância, como quase todos os brasileiros
e mundiais pobres, mas sempre feliz!
Sempre em busca da felicidade! Um dia, eu encontro.
Eu acho que, quando eu tô pensando
que eu vou encontrar felicidade no futuro,
eu já era feliz e não sabia!
Faz aquela frase do famoso mineiro, né, Ataulfo Alves.
"Eu sempre fui feliz,
apenas tô administrando minha felicidade agora."

4. Biliu andando pelas ruas e pelo famoso calçadão de Campina Grande - mexe e conversa com as pessoas pelas ruas, atende pedidos de autógrafos - é bem popular

5. Entrevista Biliu de Campina em um estúdio

Porque, desde criança,
eu me inspirei com bois, com vaquejadas,
com papos aí, em meio de feira, por exemplo.
Papo de cigano, papo de tropeiros,
é, papo de pregoeiros!
Eu adquiri essas experiências e fui somando
e despertei a curiosidade pra esse ritmo, que é o rojão.
Que, se o samba é o pai do ritmo,
então, o rojão, com certeza, é o avô de tudo isso!
É a pré-história do forró.
Eu sempre me inspirei nisso. Eu gosto de fazer o difícil...
Meu pai, Francisco Xavier,
ele também tinha uma... essa vivência de vaqueiro.
É o que eu chamo "Canto Gregoriano", né?
A primeira vez que eu ouvi um aboio de vaqueiro
e assisti nos filmes, eu digo: "Isso é Canto Gregoriano?".
Eu disse: "Isso é um aboio, rapaz! Não há diferença".
Então, o aboio é um gregoriano pé de serra, digamos assim!
E meu pai era envolvido.
Ele entoava tangendo o gado, quando entrava na zona rural.

Que é pra deixar os animais... os animais berravam,
os animais caminhavam e ficava mais tranquilo, né?
Não tinha aquele alvoroço, nem estouro, nem nada.
Aí, eu vendo, meu pai tangia gado,
vacinava, vaquejava, fazia tudo na vida rural.
E também gostava de entoar,
até porque muitos forrós pé e cabeça de serra,
ele frequentava, era conhecido,
e minha mãe musicografava era Língua de Cabaceira.
Essas correntes musicais, tem o Língua de Cabaceira,
que, inclusive, era do frevo,
de todo tipo de manifestação musical.
Mas existe tanta teoria por aí!
Tem muita farsa, muita criatividade,
um excessismo em propriedade.
O cabra questiona até o nome: "Forró?"!
Não tem a coragem de dizer porque esse termo forró!
Forrobodó, forrobodaço, forrobodança,
que é festa, é fuzarca, é função,
é pagode, é brinquedo!
É samba, é zamba, é zambeia, é umbigada!
Vem da senzala, vem do índio! Vem do índio, vem da senzala.
Surgiu de longas datas!
Não é essa influência americana, "Forró vem de forou".
É festa para todos? Não!
Quando o americano veio aqui, já existia forró em todo canto!
Forró é uma forma diminuída de forrobodó,
forrobodança e forrobodaço!
E forrobodó, por que bodó?
Vem de bodum, é o cheiro do povo!
Gente do pé rapado que não teve vez e nunca terá,
nesses salões nobres
nesses cachês altíssimos, aí, cantando lá.
Aí, pelo cheiro, bodum, vem de bodum o cheiro,
ninguém tem coragem de dizer isso. Eu digo!
E forró não é apenas...
Criaram essa onda de forró ser zabumba,
triângulo e sanfona!
É conversa! Não existe isso! Não é apenas zabumba...
Forró, você toca até com violino!
Depende da sabedoria, qualidade como músico, e pode tocar!
E um erro que eu também acho absurdo
é dizer que o samba é de tal canto! O forró é de tal canto!
O tango é de tal canto! O bolero é de tal canto!
O frevo é de Pernambuco...
Não! Pode um japonês gostar do frevo e fazer! E daí?
Não tem fronteira nossa cultura!
Cultura popular é a maior...
região do mundo!
Até no espaço sideral deve ter!
Tem muita coisa boa!
Tem aqui "Dom Quixote de La Mancha",
"Engolidor de Mentira"
Além dele produzir a mentira, ainda dava um polimento...
Aqui, é o cabra, né...
"O Dia em que o Bill Fugiu do Dedurologista".
O cabra correu, enquanto as mulheres não têm medo, né?
Ela faz exame de seio, faz colo de útero, faz tudo!
Vai periodicamente ao médico!
As mulheres são mais sabidas do que os homens.
Os homens, parece que estão se preparando pra morrer.
Eu nunca vi o cabra se preparar pra morrer!
A morte que venha de qualquer jeito!
Sou muito feliz cantando forró, por isso! Sempre inspirado!

"Ó, tem muito macho morrendo por causa de uma dedada."
Eu olhei: "Oxe! É toque retal".
O exame pro... proctológico
Aí, eu olhei e disse: "Isso dá um coco!".
"Ah, dá nada!" O pessoal ao redor da gente, os admiradores:
"Tu tem condição de fazer?".
"Tenho, e já tá quase pronto. Eu tô pensando aqui."
Eu digo: "Tudo não pede passagem?"
"Por que não o dedo?"

6. Biliu canta uma música no estudio

7. Entrevista curadora do museu de arte - Eneida

Diante de mim, Biliu de Campina,
que eu considero um artista completo!
Porque é um intérprete!
Não é apenas um cantor, né?
Mas Biliu canta, dança,
é um bom percursionista, é compositor,
e tem a cara de Campina Grande,
do jeito que Campina Grande é!
Por isso que ele tem esse nome! Biliu de Campina!
Dizem que os campinenses apaixonados
são chamados de "campinófolos".
Eu sou apaixonadíssima e eu sei o tanto quanto Biliu
é tão apaixonado por esta cidade!
Por exemplo, quando a gente passa no calçadão,
nas ruas do Centro...

8. Biliu falando com pessoas na rua

9. Entrevista Eneida - museu de arte de Campina

Aí, a gente encontra
o perfume de Biliu, o coração de Biliu!
Esse coração toca...
o ritmo da zabumba, né?
Essa poética de Biliu,
ela é simplesmente...
comovente!
E Biliu é um artista muito amado!

10. Biliu na casa de João Gonçalves que canta estrofes de sua música Severina
Xique Xique

11. Entrevista João Gonçalves em sua casa

Eu comecei fazendo paródias,
fazer umas parodiazinhas, coisa e tal.
Aí, comecei a fazer umas besteiras e coisa e tal,
e, entre essas besteiras, tinha uma, "Minha Margarida".
Porque o pega-pinto é uma raminha
que ela enganchava nos pés do pintinhos novos.
Enganchava e aquilo era pegajoso,
e, às vezes, ele ficava preso e morria, entendeu?
Falando em margarida e pega-pinto tem duplo sentido.
Eu digo: "Bem, se tem, eu vou fazer todas elas assim".
Você vê como que é o valor da interpretação, né?
E outras e outras,
a gente chegou em "Sevirina Xique Xique".
Quando mostrei a Genival, ele disse:
"Rapaz, isso aqui é o meu sucesso! Muito boa!".
E aí, graças a Deus, deu certo e eu gravei muito.

Hoje ainda vivo de direitos autorais.
E, por incrível que pareça,
é o único homem que me valoriza em qualquer canto que chega,
eu sei das notícias...
Diz que eu sou o Pelé, ou Garrincha... Quem é o Pelé?

Biliu fala
João, pra gente refazer essa frase...
você na minha opinião, certo,
além de ser definição, você é uma história no topo
da Serra da Borborema e para o mundo.
Você já é internacionalizado.
Digo que você é o Garrincha, quer dizer, mais povo.
E outra coisa, a criatividade é absoluta.
E, depois, eu apresentando as músicas pra João,
ele me ensinou o caminho da censura,
onde registrava, o que era uma editora,
porque eu entrei como amador.
João foi quem profissionalizou o lado de Biliu.
João tem mais de uma e menos de dez mil músicas.
A gente faz música na hora.
Ele só vive 24 horas, tempo integral
de dedicação exclusiva falando sobre forró e bem-intencionado.

João canta

12. Entrevista Biliu de Campina em um estúdio

Eu acho que antigamente tudo era mais moderno.
Não tinha essa frescura midiática que existe.
Antigamente, a gente fazia música por inspiração.
Não é essa produção,
essa obrigação que você tem que lançar um disco todo ano!
Isso é um mercantilismo safado!
E a minha infância foi aí convivendo no meio de feira,
ouvindo os causo e as prosa, andando, moleque,
eu usava o artifício pra entrar nos puteiro,
vendia cigarro, vendia amendoim.
Quer dizer, todo menino, certo, é um ser pensante,
aí, ele desperta a curiosidade no que é difícil.
E eu vim da pré-história do forró,
como eu digo, a pré-história do forró,
antes desse forró concebido de Jackson, Gonzagão, Marinês.
Esse forró clássico perpetualizou-se,
mas antes foi fundamento em Jararaca, Ratinho,
Venâncio, Curumba, Zé do Norte.
Na Praça da Bandeira, eu ouvia uma peleja.

13. Casa do lutier Duduta - Biliu na casa de Duduta apresenta

Estou aqui com o Mestre Duduta,
mestre mesmo, é o genérico da musicalidade
aqui do topo da Serra da Borborema.

Duduta fala
Eu conheci Biliu há muitos anos,
conheci ele como mecânico, ele e os irmão.
E hoje é um dos melhores forrozeiro que o Brasil tem.
Qual é o forrozeiro que tem fora do Brasil?
É daqui mesmo da Paraíba.
É internacionalmente conhecido, tem música dele na Inglaterra.
Biliu já foi pra Holanda e outros países que não sei.
E tá essa figurona aí.
Que, graças a Deus, pro bem de Campina Grande

ainda tem Biliu que segura.
Vocês aparecia já tocando forró nos arraiais junino que existia.
Os forró era dispersado por aí a fora.
Você se lembra de algum arraiá onde tocou?
A gente ia tocar em fazendas por aí.
Era o forró de lamparina ainda naquela época.

Biliu fala
Mas, Duduta, me diz uma coisa,
vocês tocavam no seco, como se diz,
não tinha essa tecnologia avançada de hoje,
chegava, era espontaneamente, acendia a lamparina,
os instrumento tudo de acordo com o ambiente,
e tome forró a noite todinha.

Duduta fala
Nos canto que a gente tocava que tinha luz elétrica
era nessa lâmpa, nessas safada de 40 vela.
Candeava mais do que clareava!

Biliu fala - imagens dos instrumentos
Ai, bandolim, cavaquinho, você faz o cavaquinho.
E bandolim...
Conserta tudo?
Conserto tudo, guitarra, baixo, o que vier, a gente traça.
Eu só não ajeito, de corda, só o Piccini.
Mas também se vier...
Pode até ter...

14. Entrevista Biliu de Campina em um estúdio

Não tenho preconceito musical! Tenha sabedoria pra explicar.
O rock, por exemplo,
Titãs mostrou Mauro e Quitéria, Paralamas gravou Jackson,
O Rappa gravou Jackson,
Fernanda Abreu gravou Jackson,
o pessoal que não é forrozeiro
e gravou forró arrebentou a boca do balão.
Dolores Duran gravou forró.
Pouca gente sabe! Gravou forró!
Anísio Silva gravou forró,
Ângela Maria gravou "Baião Diferente".
Agora tá muito dividido o negócio,
não tá separado, tá dividido.
Uns subestimando os outro, aquela briga midiática.
Aí veio a internet e aí lascou tudinho, né?
Nivelou tudo por baixo, ou por cima.
É por isso que eu gosto desse negócio.
E a gente não muda, não!
Esse negócio de internet, eletrônica, essas mensagem,
esse editorial não vai bolir no que é intocável.
Se é intocável, logo, não é mexido.
Se não é mexido, é clássico; se é clássico é eterno.
Como o forró que eu gosto. E, no meu estilo, é a tradição.

15. Biliu toca

16 . Entrevista Eneida - curadora museu

Das invenções do homem,
eu acho que cultura passa diversão
e é uma mega invenção!
Porque, a partir daí, surgiram as outras invenções.
Eu acredito que só a cultura pode fazer

com que nós possamos conviver com a morte,
com a nossa finitude.
Porque as artes são atemporais,
é o sonho da imortalidade do homem.
Essa atemporalidade que eu acho mais fantástico,
sabe, na cultura...
é exatamente...não passar!

17. Entrevista Biliu de Campina em um estúdio

Eu não obedeço a regra pré-estabelecida,
qualquer tempo é tempo, qualquer hora é hora.
Não tem esse negócio de música pra carnaval,
música pro Natal, música junina.
A maior polêmica agora: "A música junina..."
Eu canto forró de manhã, de tarde, de noite, madrugada,
todo dia, toda hora, onde quiser!
Pra desfraudar essa bandeira
tem que ser um pouquinho destemperado,
tem que não concordar com certas coisas.
Por exemplo, nego pergunta: "Você é artista da terra?".
Eu: "E você é de Plutão, Netuno, de onde você surgiu?
"É de outras galáxias?
Você canta forró pé de serra?"...
Eu: "Pé, cabeça, solo, subsolo, inferno, a casa do diabo!
Onde eu tiver, eu canto, se tiver vontade!".
O pé de serra é a pureza, a essência da coisa, o início.
Eu não vejo ninguém dizer: "Eu canto samba pé de serra".
Só o meu forró? Usam isso pejorativamente.
Não tem nem bondade, nem inocência, é sacanagem!
Primeiro ao quinto, milhar de centena!
O rock é rock em todo canto,
ninguém vê um rock, um samba pé de serra.
Por que só o nosso forró?
E não dá pra ganhar o suficiente fazendo isso,
fazendo essas pregações por aí.
Tanto faz os arraiais, tanto faz tá em Caruaru, como em Campina!
Amsterdã, eu fiz um forró lá, é o mesmo que tá aqui cantando!
O povo é o mesmo.
A mentalidade cultural, ela é universal.
Eu entrei na faculdade de Direito,
mas o Direito que aí está nunca entrou na minha faculdade.
Quando eu tava no escritório de advocacia,
em 82, mais ou menos, estagiando,
houve até um acidente e eu fui fazer um habeas corpus,
porque prenderam o cara que atropelou, essa coisa toda,
botei o papel na máquina, e fiz uma música.
Li um artigo de um jornalista, Chico Maria,
era a coluna "Confidencial",
a história do rico que atropelou um camarada,
aí, eu fiz um forró!
Botei na máquina, ele disse, "Tá pronto?", e eu, "Tá quase!".

18. Banda de Biliu tocando na rua - enfeitada para a festa de São João